

A CONVERSAÇÃO ATIVA COMO PROPOSTA DE ABORDAGEM METODOLÓGICA EM PSICANÁLISE: UMA ESCRITA EM DOIS TÓPICOS

ACTIVE CONVERSATION AS A PROPOSAL FOR A METHODOLOGICAL APPROACH IN PSYCHOANALYSIS: A WRITING IN TWO TOPICS

Juliana Tassara Berni **1**
Patricia da Silva Gomes **2**
Nádia Laguárdia de Lima **3**

Resumo: O presente artigo apresenta e discute o dispositivo da conversação ativa como método de pesquisa e intervenção psicanalítica nas instituições. A discussão considera especialmente o uso desse dispositivo para tratar de uma questão que nasce das demandas de educadores relativas a alguns usos da internet por adolescentes e aos impasses deles decorrentes, como, por exemplo, a formação de sintomas e adoecimentos. Descreve a forma como as conversações são realizadas e sugere uma chave de leitura que se baseia na teoria lacaniana dos discursos para analisar o material fruto dos encontros.

Palavras-chave: Psicanálise. Conversação. Metodologia. Adolescência. Internet.

Abstract: The article in question presents and discusses the device of active conversation as a method of research and psychoanalytic intervention in institutions. The discussion especially considers the use of this device to deal with an issue that arises from the demands of educators regarding some uses of the internet by adolescents and the resulting impasses, such as the formation of symptoms and illnesses. It describes how the conversations are carried out and suggests a reading key that is based on the Lacanian theory of discourses to analyze the material resulting from the meetings.

Keywords: Psychoanalysis. Conversation. Methodology. Adolescence. Internet.

- 1** Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorado e mestrado em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atua em pesquisas voltadas para a área de interlocução entre psicanálise e educação desde 2007. Atualmente é pesquisadora do Laboratório de Psicologia e Educação do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais e do Laboratório de pesquisa Além da Tela: psicanálise e cultura digital. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1372716622012772>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0557-169X>. E-mail: jutassara@hotmail.com
- 2** Doutoranda em Psicologia pela UFMG, Mestre em Psicologia - Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pós-graduada em Educação Especial Inclusiva pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho Federal de Psicologia. Pesquisadora do Além da Tela Psicanálise e Cultura Digital. Atuação como psicóloga/psicanalista no atendimento clínico a crianças, adolescentes e adultos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7470-9907>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8009737890995945>. E-mail: pgpsicologa@gmail.com
- 3** Possui pós-doutorado em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, Doutorado e Mestrado em Educação pela UFMG, e Graduação em Psicologia pela UFMG. É professora Associada do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordena o grupo de pesquisa: Além da Tela: psicanálise e cultura digital, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG. É autora do livro: A escrita virtual na adolescência: uma leitura psicanalítica (Editora UFMG), e co-organizadora de vários livros. Ênfase na produção acadêmica e profissional junto aos temas: psicanálise e cultura digital, psicanálise e educação, clínica psicanalítica com crianças e adolescentes. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7949-0169>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9516537449598946>. E-mail: nadia.laguardia@gmail.com

Introdução

Neste artigo, apresentamos algumas reflexões sobre a utilização da conversação ativa, um dispositivo clínico de pesquisa e intervenção que permite ofertar uma escuta clínica em diferentes espaços sociais e institucionais. Em seu pronunciamento no Quinto Congresso Psicanalítico Internacional, em Budapeste, Freud manifesta preocupação com a evolução da técnica psicanalítica. Para ele, seria necessário que o método pudesse ser adaptado para atingir “uma considerável massa da população” (FREUD, 1918/1989, p. 210). Ele justifica sua posição dizendo que

Mais cedo ou mais tarde, a consciência da sociedade despertará, e lembrar-se-á de que o pobre tem exatamente tanto direito a uma assistência à sua mente, quanto o tem, agora, à ajuda oferecida pela cirurgia, e de que as neuroses ameaçam a saúde pública não menos do que a tuberculose, de que, como esta, também não podem ser deixadas aos cuidados impotentes de membros individuais da comunidade. (FREUD, 1918/1989, p. 210)

Freud acrescenta que cabe ao psicanalista a tarefa de adequar a técnica às novas condições. Assim, ele se debruça sobre as vicissitudes da vida na pólis, considerando a indissociabilidade entre o psíquico e o social e destacando o compromisso político do psicanalista. A orientação freudiana nos serve de guia para a aposta em dispositivos que permitam operar o inconsciente na transferência, nos diversos espaços sociais e institucionais.

É preciso considerar, ainda, a indissociabilidade entre pesquisa e clínica em psicanálise. Em *Dois Verbetes de Enciclopédia* (1923), Freud enuncia que

Psicanálise é um nome de: (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) um conjunto de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (FREUD, 1923, p. 287)

Assim, a psicanálise articula a investigação dos processos inconscientes, a metodologia clínica e a produção de saber. Pinto (2001) salienta que a psicanálise é, ao mesmo tempo, teoria e método de investigação. Sua descrição já traria intrinsecamente uma maneira de produzir saber, seja na clínica, na academia ou mesmo na cidade. Ele acrescenta, também, que a vocação científica da psicanálise é aquela formalizada pelo discurso do analista, ou seja, a de produzir o significante mestre a partir da instalação da causa do desejo como agente de um laço social.

Uma questão de pesquisa

A pesquisa em psicanálise diferencia-se das pesquisas oriundas das ciências sociais por incluir a dimensão inconsciente. A técnica de investigação psicanalítica é, desde Freud, baseada na escuta clínica, mais precisamente na escuta orientada pela associação livre. Freud (1912/1989) afirma, inclusive, que a associação livre é, pelo menos para ele, a única técnica de investigação psicanalítica viável. Vale acrescentar que ele inclui aí o inconsciente do próprio psicanalista, que, a partir da atenção flutuante, “deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente” (FREUD, 1912/1989, p. 154). Assim, a produção de saber em psicanálise é determinada e regida pelo inconsciente. Para Mezan (1998), mesmo um texto psicanalítico feito por encomenda¹ não estaria isento das influências inconscientes do autor.

¹ Mezan (1998) descreve os textos produzidos por encomenda como aqueles cujo propósito é atender a uma demanda específica, como, por exemplo, discutir um determinado tema de um evento ou de uma publicação. Este texto é fruto de duas pesquisas distintas de doutoramento.

Para ele, tais influências não se furtam na escrita, ao contrário, habilmente escapam no conteúdo do texto, ora pelos caminhos do tratamento da questão, ora por seus destaques ou omissões a determinadas ideias. Vale ainda lembrar que, para a sua escrita, ou para a sua prática, cada psicanalista carrega consigo a sua “teoria portátil”:

É essa teoria portátil que, ancorada nos e amalgamada com os resultados da sua própria análise, irá funcionar pré-conscientemente como instrumento de apreensão do que lhe disseram seus pacientes, e como instrumento de formulação para suas intervenções, bem como lhe permitirá eventualmente retomar tais intervenções e submetê-las a alguma forma de exame crítico. (MEZAN, 1998, p. 60)

Os determinantes inconscientes se evidenciam ainda mais quando se trata da escolha de uma questão de pesquisa. No nosso caso, o tema de pesquisa se relaciona a uma inquietação que nasce da escuta dos adolescentes e de suas reverberações. Tomamos aqui as palavras de Mezan (1998, p. 103): “O desejo de escrever surge combinado com, ou impregnado por um sentimento de urgência. Há algo que precisa ser formulado, colocado em palavras compreensíveis para mim e para os outros”.

No nosso caso, esse “algo que precisa ser formulado”, que precisa ser pesquisado para ser escrito, nasceu da prática realizada com adolescentes de escolas da região metropolitana de Belo Horizonte. Nela, fomos interpeladas pela escuta de uma peculiar abordagem da sexualidade feita pelos adolescentes. À primeira vista, ou melhor, nas primeiras escutas, ouvimos seus relatos se apresentarem de forma crua, revelando práticas sexuais sem preocupação com a privacidade ou mesmo qualquer inibição quanto aos conteúdos da conversação. As diversas pesquisas que abordam os riscos dos usos da internet por crianças e adolescentes apontam, entre eles, a exposição excessiva e inadequada a conteúdo sexual. Cerca de 15% de crianças e adolescentes com idade entre 9 e 17 anos declaram que já viram imagens ou vídeos de conteúdo sexual e cerca de 12% afirmam que já tiveram fotos ou vídeos em que pareciam nus requisitados por terceiros (NIC.br, 2020). A exposição a esse tipo de conteúdo aparece nas conversações e suas consequências ficam evidentes. Em um dos grupos de conversação ativa com adolescentes entre 13 e 15 anos, por exemplo, os participantes se interrogam mutuamente sobre quem já tinha experiência com “boquete”.

O consumo de conteúdo pornográfico por esses jovens também é tema das conversas; alguns enumeram a facilidade de acesso ao universo de sites reservados aos maiores de idade e sua frequência constante neles. Em outra escola, um aluno de aproximadamente seis anos de idade ensinava aos colegas mais velhos a estratégia de apagar o histórico de navegação, retirando o registro de sua visita de sites de conteúdo adulto. Esse relato aponta ainda a precocidade de apresentação dos sujeitos contemporâneos a esses conteúdos presentes no universo virtual. A sexualização precoce não é uma novidade, mas a exposição das crianças e adolescentes a esse tipo de conteúdo na internet sem a supervisão e orientação dos pais, especialmente entre os mais pobres, como também aponta a pesquisa do NIC.br (2020), amplifica esse problema.

A psicanálise ressalta a centralidade do sexual na vida humana, em especial no tempo da adolescência. Freud, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), apresenta a puberdade como um túnel atravessado desde os dois lados por duas correntes, uma sensual e uma afetiva. Nesse atravessamento, a convergência das duas correntes é o que asseguraria “a normalidade da vida sexual” (FREUD, 1905/1989, p. 195); por outro lado, a falta de tal convergência provocaria a necessidade de reordenamentos, os quais, por sua vez, poderiam resultar em distúrbios. Nesse mesmo texto, Freud aborda ainda o excesso pulsional que incide sobre o corpo invadido pelos hormônios puberais e suas possíveis implicações quanto a escolhas de objeto e objetivo sexual (FREUD, 1905/2016).

Lacan, em seu *Prefácio a O despertar da Primavera* (1974/2003), considera a adolescência como o tempo em que se dá o encontro do sujeito com o real. Isto quer dizer que é nesse tempo que o jovem percebe que não há um saber sobre o sexo; que, ao contrário dos animais que se

servem do instinto, ele precisa encontrar suas próprias respostas e saídas. O que o jovem sente na pele, sem dispor de palavras que lhe permitam traduzir isso, é que há uma impossibilidade do encontro simétrico, perfeito entre os sexos. Isso não é sem efeitos para os adolescentes. Muitas vezes, tem-se um corpo pronto para o ato do ponto de vista biológico, mas em dissonância com um sujeito que não sabe o que fazer com o que o invade do ponto de vista pulsional.

É esse sujeito “adolescendo” que encontra na internet um campo vasto para experimentações. Jacques-Alain Miller, em seu texto *Em direção à adolescência*, afirma que o mundo virtual é um mundo de “possíveis” (MILLER, 2015, p. 4). Talvez aqui haja um paradoxo: de um lado, o adolescente se depara com impossibilidades; do outro, a internet acena para um mundo de possibilidades.

A sexualidade humana é atravessada pelo espírito do tempo. Miller (2015) nos lembra que a psicanálise foi criada num tempo de forte repressão sexual e que em nossa época, ao contrário, vivemos um tempo de espetacularização do sexo, que é acessível com um simples toque no celular. Assim, a nossa sociedade, mesmo que não passe por saltos radicais, passou não só à permissão, mas ao incitamento, a uma provocação em relação à sexualidade.

As imagens pornográficas invadem as telas, mostrando o que nunca havia sido visto; entretanto, ao tentar desvelar o mistério do sexo, elas fracassam, pois revelam somente a carne. Conforme afirma Wajcman: “Na verdade, as imagens não se enfrentam com o proibido, nem com o impossível, e sim com a relação sexual que não existe. Isto que elas mostram” (WAJCMAN, 2011, p. 222).

Nesse contexto, os jovens se veem diante de impasses para dar algum tratamento ao real inominável da puberdade, se encontram com a impossibilidade da relação sexual. Essa tentativa adolescente pode incluir a formação de sintomas, passagens ao ato, desvios de conduta etc. (LACADÉE, 2011-2012), elementos estes que escutamos com frequência nas demandas apresentadas pelos educadores.

Desta forma, o mal-estar no campo da educação na atualidade aparece sob nova roupagem, que envolve a cultura digital. É interessante destacar que as demandas com as quais o grupo trabalha surgem de escolas públicas, cujos alunos possuem maiores dificuldades de acesso à internet e aos dispositivos tecnológicos digitais. No entanto, mesmo que se trate de escolas situadas em contextos de maior vulnerabilidade social, grande parte dos adolescentes faz uso da internet e das redes sociais². Os jovens não escondem seu uso intenso da internet. Uma garota de 13 anos diz: “*Se ficar sem meu celular, sem internet, eu morro...*”. A observação informal e a escuta dos adolescentes corroboram os últimos dados encontrados pelo IBGE.

As queixas das escolas normalmente incluem relações aditivas com a internet que distanciam os alunos do contexto de ensino e aprendizagem, manifestações de agressividade tanto na escola quanto no ambiente virtual, compartilhamento de nudes ou de conteúdos que promovam a segregação de adolescentes, comportamentos de risco que são estimulados por grupos nas mídias sociais, entre outros. Podemos dizer que as questões que as escolas nos apresentam estão relacionadas aos impasses do laço social, vivenciados pelos adolescentes no contexto contemporâneo da cultura digital.

O antropólogo David Le Breton (2017) assinala que as tecnologias de informação e de comunicação trouxeram mudanças radicais na relação com o espaço e com o tempo, bem como nas relações entre os sujeitos e com a própria intimidade. Logo, o encontro marcado na adolescência com o impossível e o conteúdo presente nas falas dos adolescentes fez surgir uma questão de pesquisa: a imersão dos adolescentes na cultura digital, própria dos nossos dias, teria alguma incidência no encontro do adolescente com os impasses da sexualidade?

² Segundo dados divulgados pelo IBGE (16/09/2022), 51,4% das crianças e adolescentes de 10 a 13 anos de idade contam com celular para uso pessoal no Brasil. As conclusões integram um módulo da Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por amostra de domicílios contínua). Segundo a pesquisa TIC Kids on-line Brasil, do Comitê Gestor da Internet no Brasil, “93% das crianças e adolescentes do país entre 9 e 17 anos são usuárias de internet, o que corresponde a cerca de 22,3 milhões de pessoas conectadas nessa faixa etária” (CRUZ, 2022, online). No entanto, enquanto crianças e adolescentes das classes sociais privilegiadas acessam a internet por uma série de dispositivos tecnológicos, mais de 50% das crianças e adolescentes das classes sociais mais baixas acessa a internet exclusivamente pelo telefone celular.

Uma proposta de abordagem metodológica

Apresentada a questão, qual seria o caminho metodológico para buscar respostas pertinentes e ao mesmo tempo produzir efeitos éticos a partir da demanda? Aqui, cabe um esclarecimento inicial: os relatos mencionados foram obtidos na prática de um projeto universitário de pesquisa e extensão que responde com a oferta de escuta à demanda dos educadores sobre problemas relativos ao uso inadequado e abusivo das redes sociais pelos adolescentes.

A oferta que o grupo faz à escola parte da recusa de oferecer um modelo vertical de intervenção. Frequentemente, pede-se em auxílio que sejam ministrados cursos, palestras e capacitações sobre o tema para os envolvidos. Todavia, seguindo uma ética de trabalho, o grupo faz uma aposta: a criação de espaços de fala dialógicos como via de acesso aos jovens no âmbito da instituição escolar.

Freud, ao abordar a posição do analista nas instituições, em *Linhas de progresso na psicoterapia psicanalítica* (1918/1989), destaca o valor da psicanálise aplicada a formas de tratamento diferentes da clínica tradicional dos consultórios. O psicanalista ressalta a importância de sua utilização em instituições como forma de não restringir o tratamento psicanalítico às classes sociais mais favorecidas economicamente. Ele já adianta aí que o tratamento psicanalítico terá que assumir novas formas, ainda desconhecidas, e que essas novas formas de aplicação da psicanálise serão efetivas desde que seus ingredientes sejam “aqueles tomados à psicanálise estrita e não tendenciosa” (FREUD, 1918/1989, p. 211).

Na mesma perspectiva, Lacan, em *Proposição de 9 de outubro de 1967* (2003), retoma a discussão sobre a aplicabilidade da psicanálise nas instituições ressaltando que ela não se desvincula da psicanálise pura, didática ou em intensão. Nesse sentido, é possível ao psicanalista sustentar o discurso psicanalítico em outros contextos que não o consultório. Como salienta Macêdo (2011), a psicanálise é um tratamento do impossível, onde quer que operem seus dispositivos. Em suas palavras:

Ao ofertarmos a psicanálise, ofertamos um discurso e, também, um dispositivo. Ao convidarmos o sujeito a falar o que lhe vem à mente, ao ofertarmos a associação livre, estamos ofertando um dispositivo, e um dispositivo é um fato instituído, instituinte, institucional! (MACÊDO, 2011, online).

Ressaltamos, aqui, que as escolas nos convocam no lugar de psicólogos capazes de solucionar os problemas que enfrentam, mas nos apresentamos à equipe enquanto pesquisadores e psicanalistas. Em nossa experiência, essa posição de pesquisador tem favorecido o trabalho de conversação tanto no âmbito da pesquisa quanto no da intervenção.

No momento inicial do trabalho, propomos uma conversação com os professores e, desta forma, oferecemos um espaço de escuta para que eles possam falar dos impasses que localizam em suas relações com os alunos. É importante esclarecer que o método proposto pelo grupo de pesquisa foi nomeado como *conversação ativa*, considerando que esse termo leva em conta não apenas nossa posição, que remete à escuta ativa, atenta às manifestações do inconsciente, mas também à posição dos sujeitos, marcados pela atividade pulsional. Para a psicanálise o inconsciente é pulsátil, pura potência (LACAN, 1964). A escuta dos adolescentes requer o acolhimento da intensa atividade pulsional que se manifesta nos corpos cada vez menos dóceis aos aparatos disciplinares, apostando na articulação entre palavra e corpo e nas proposições inventivas de cada um.

A noção de atividade está referida também a um efeito possível da conversação, que é o de desobjetificação dos sujeitos. As instituições escolares muitas vezes propõem um modelo universal unificado que não dá lugar às particularidades. Reguladas pelo discurso do universitário, podem vir a tratar os alunos como objetos. A conversação visa dar lugar às singularidades, promovendo a emergência dos sujeitos.

O número de encontros com o grupo de professores é definido junto à escola a partir da disponibilidade dos professores e coordenadores, mas, muitas vezes, dadas as condições diversas, há um único encontro desse tipo.

No segundo momento, realizamos conversações com os adolescentes, que são apresentados à nossa proposta e convidados a participar. A frequência e o número de encontros também é previamente definido junto à coordenação. Em nossas experiências, pudemos constatar que um número maior de encontros, de oito a doze, traz melhores resultados, mas esse número é variável e adequado às possibilidades da escola. Nos apresentamos aos adolescentes dizendo que somos pesquisadores-psicanalistas e que estamos interessados em conhecer os usos que eles fazem da internet. Nesse primeiro momento, eles são convidados a falar livremente sobre os usos que fazem dos jogos, das redes sociais, entre outros. Os ativadores de conversação são livres para levar algo que possa precipitar a fala, como um poema, um vídeo curto, uma notícia ou uma atividade artística, sempre de forma bem livre. No entanto, o que mais contribui para que falem é o nosso desejo de escutá-los.

É importante esclarecer que o ativador da conversação, além de pesquisador, é um psicanalista em formação, analisante e praticante da psicanálise, e é acompanhado, na conversação, por um aluno de graduação ou pós-graduação. Assim, trabalhamos em duplas, de modo que, enquanto um se dedica a ativar a conversação, no sentido de dar movimento, fazer a engrenagem andar, o outro o acompanha, atento aos significantes que se repetem, ao que algum significante específico desencadeia, nos movimentos e conversas que acontecem paralelamente ao assunto principal (sempre tentando incluir esses movimentos), mas também apoiando o ativador de outras formas.

Também gravamos e transcrevemos as conversações, com a autorização dos adolescentes. O ato de gravar as conversas geralmente não inibe os participantes, pelo contrário, parece fazer com que fiquem mais interessados em falar. Algumas vezes eles chamam a atenção para o fato de o conteúdo que dizem estar sendo gravado: *“Vê aí se tá gravando porque isso que eu vou falar é muito importante”*. Também brincam com o gravador, interagindo com ele, brincando de entrevistar o colega etc.

A oferta de um espaço para a palavra aos adolescentes visa localizar um impasse que eles vivenciam no laço social através do uso que fazem das tecnologias digitais. Se, num primeiro momento, o mal-estar vem nomeado pela escola, através de uma demanda que não é deles, quando são convidados a falar, cada um tem a chance de nomear, à sua maneira, o mal-estar. A associação livre coletivizada permite a circulação da palavra que pode tomar qualquer destino: das redes sociais ao racismo, à violência, à sexualidade, ao amor.

Metodologia de análise das conversações ativas

Propomos abordar a conversação ativa através da teoria dos discursos de Lacan, que se apresenta como chave de leitura interessante para a análise da conversação enquanto um dispositivo tanto de pesquisa quanto de intervenção.

A conversação opera pela via discursiva. Segundo Lacan (1969-1970, p. 11), o discurso é “uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional”. Ele acrescenta que “O discurso molda a realidade, sem supor nenhum consenso do sujeito, dividindo-o, de qualquer modo, entre o que ele enuncia e o fato de ele se colocar como aquele que o enuncia” (LACAN, 1970, p. 408). Nessa perspectiva, a cultura está conectada ao discurso, que inclui o que excede à somatória dos enunciados num determinado contexto.

Lacan (1972-73) toma o discurso como laço social, considerando que “no fim das contas, há apenas isso, o laço social. Eu o designo com o termo discurso” (p. 60); e que “cada realidade se funda e se define por um discurso” (p. 37). Para o autor, não há realidade pré-discursiva. Os discursos “constituem-se como uma repetida experiência de busca de gozo e seu fracasso” (LIMA, 2017, p. 140).

Os discursos, lidos como essa tessitura que se constitui sobre o impossível real, apontam para o mal-estar que se manifesta em cada laço social (LIMA, 2013, p. 479). A escuta dos professores permite localizar os discursos predominantes na instituição e o lugar destinado aos alunos nesses discursos. A escuta dos adolescentes nos aponta para os efeitos dos discursos institucionais sobre os sujeitos. Percebemos que os quatro discursos propostos por Lacan estão presentes nas

conversações com professores e adolescentes, e se alternam ou se conjugam de acordo com as aberturas ou encontros com o real.

Para Voltolini (2011), toda instituição sofre com os efeitos da mestria. O discurso do mestre opera sobre o real numa tentativa de controlá-lo. Na tentativa de se apropriar do saber do Outro, o mestre lança mão do discurso da ciência para regular o real. Dessa forma, a escola tenta calar o sujeito. É a esse serviço que se oferecem os diversos diagnósticos, classificações e rótulos. Mas o real sempre se interpõe, impedindo que o gozo seja submetido a qualquer parâmetro universal. O que vemos nas conversações é o retorno desse real. O que há muito não se falava reaparece no grupo e se impõe como questão a ser debatida. Quando temos o primeiro contato com os alunos, já estamos diante desse contexto. Eles também! Isso tem efeitos, como, por exemplo, na fala de uma adolescente no primeiro encontro: “Você não vai dar conta da gente, não. Pode desistir!”.

Quando nos apresentamos como pesquisadores aos adolescentes, isso parece ter um efeito muito profícuo para a circulação da palavra. A escola tende a se estabelecer sob a égide do discurso do mestre, muitas vezes normatizando os sujeitos através das nomeações diagnósticas ou disciplinares. Quando nos dirigimos a eles como alguém que detém um saber, apresentamo-nos num lugar de sujeito dividido.

Lacan, no Seminário 17, diz que “o que conduz ao saber não é o desejo de saber. O que conduz ao saber é – se me permitirem justificar em um prazo mais ou menos longo – o discurso da histórica” (LACAN, 1969-1970, p. 21). É nesse sentido que propomos pensar que a posição discursiva em que nos apresentamos, pelo menos nesse primeiro momento, é a do discurso da histórica, um discurso favorável à produção de saber.

É a partir do lugar de sujeito dividido que nos endereçamos ao outro, no caso, aos adolescentes. Queremos saber sobre eles, aprender com eles. Nosso desejo é que falem para nós, que nos contem sobre o que lhes interessa, o que os ativa e, também, o que os acomete nessa relação com a cultura digital. Esses meninos e meninas que, diante da escola, frequentemente ocupavam um lugar muitas vezes depreciado, eram nomeados como bagunceiros, agitados, problemáticos ou, de outra forma, desalojados de um lugar singular para ocupar um lugar na lógica normatizante, como o fazem, por exemplo, os diversos diagnósticos, agora são convidados a falar de um outro lugar, um lugar de mestria.

Essa estrutura inicialmente proposta traz efeitos surpreendentes. Eles reconhecem e apreciam a ideia de falar para alguém que quer aprender com eles, como fica evidente na fala de um dos participantes:

No começo, quando eu comecei a conversar com ela, ela ficava toda hora perguntando ‘o que é isso, o que é isso?’. Eu a achava meio burrinha, até me irritava – desculpa aí, tá? – Depois, eu fui vendo que ela queria saber sobre o nosso mundo de adolescente, sobre as nossas coisas. E, tipo, ela quer saber mesmo, ela quer que a gente fale com ela. Nossa, eu gosto demais dessas conversas, não sei nem explicar.

A oferta da escuta ao adolescente, tomando-o como sujeito do inconsciente, instaura o discurso do analista: “a posição do analista” é feita “substancialmente do objeto a” (LACAN, 1969-1970, p. 40). O psicanalista faz semblante de objeto, e é desse lugar que ele oferece a sua escuta. Essa posição só é possível a partir da instalação da transferência. O que se espera de um analista nessa posição é que “faça funcionar seu saber em termos de verdade”, essa é a razão pela qual ele “se confina em um semi-dizer”. Ele opera com o saber da estrutura no lugar da verdade e o faz desde a função do enigma que aí retorna ao sujeito no campo do Outro. O analista renuncia a exercer a posição de um ser todo-saber, e que tem como efeito o furo no saber.

Na medida em que nossa escuta é orientada pela ética da psicanálise, os sujeitos percebem a diferença de nossa posição em relação à escola e a importância da escuta: “Você, por exemplo, quando você chegou e falou que a gente não podia jogar truço, eu pensei: ‘Nó, vai ser paia’, mas aí não. Você conversa com a gente, escuta o que a gente fala. É mó legal”.

A conversa visa abrir brechas no discurso, oferecendo condições para a emergência do equívoco, da surpresa naquilo que se diz, fazendo com que o sujeito se depare com a sua

alteridade inconsciente. Assim, a conversação convoca e propicia condições para a emergência das manifestações do sujeito do inconsciente.

Quando a escuta analítica se instala, a associação livre – aí coletivizada – opera fazendo com que os sujeitos se escutem, escutem os colegas e produzam novos saberes. Os significantes mestres caem e evocam novos significantes. Os adolescentes se surpreendem com a própria fala e com o que produzem: “É porque a gente tem um papo, assim, que não é aquele papo na *na na na na na*. É um papo que cada um dá sua opinião, tipo falar mesmo.” Ou: “*Todo assunto que você fala, quando vê, já virou outra coisa. Não sei como isso acontece, mas acontece*”. Na medida em que eles começam a trazer os seus impasses, eles passam a se interrogar.

Os discursos mostram a articulação entre a linguagem e o gozo. Os insultos, as agressões verbais, cada vez mais comuns entre os jovens, mostram o laço entre significante e gozo. O corpo goza a partir do fato de que o ser fala. As palavras afetam o corpo, as palavras têm peso, um peso de gozo que marca o corpo (ORRADO, 2020). Os significantes permitem identificações, conferem um lugar no campo do Outro, mas também têm efeitos de segregação. A conversação visa desfazer identificações cristalizadas, abrindo novas possibilidades identificatórias. A partir das intervenções provocadas por quem “ativa” a conversação, a circulação de palavras no espaço coletivo dá lugar às diferenças, às diferentes leituras, interpretações e, também, aos modos singulares de organização pulsional e de gozo. A conversação permite interrogar a dimensão pulsional como laço entre a palavra e o corpo, tomados um a um.

Análise das conversações: a metodologia de conversação como pesquisa

O segundo momento importante do trabalho de pesquisa se dá na supervisão. A supervisão, em nossa prática, também se organiza como uma conversação. A dupla que ativa um determinado grupo apresenta o impasse que vem encontrando na condução daquele grupo. Todos os participantes são convidados a falar e a refletir sobre a questão trazida pela dupla. Esse é um momento em que, com certo distanciamento, alguns aspectos do trabalho do grupo se destacam. Os significantes que foram repetidos muitas vezes ou, contrariamente, que apareceram uma única vez ou mesmo foram recalçados tomam outra densidade. O encadeamento que se dá na associação livre coletivizada pode tornar-se evidente.

Freud já nos alertava que, também para fins científicos, a escuta deve ser livre e que a possibilidade de sucesso é tão maior quanto a liberdade com a qual se escuta:

Casos que são dedicados, desde o princípio, a propósitos científicos, e assim tratados, sofrem em seu resultado; enquanto os casos mais bem sucedidos são aqueles em que se avança, por assim dizer, sem qualquer intuito em vista, em que se permite ser tomado de surpresa por qualquer nova reviravolta neles, e sempre se o enfrenta com liberalidade, sem quaisquer pressuposições (FREUD, 1912/1987, p. 153).

Assim, buscamos promover uma comunidade de trabalho, a qual, através da articulação significativa, forja seus conceitos e faz avançar a clínica. Trata-se de uma forma de trabalho propícia para criar ou manter a surpresa, o interesse, o desejo de saber mais. Uma forma de trabalho em que o real do sintoma mantém seu valor de surpresa (DEWAMBRECHISE-LA SAGNA, 2020).

A conversação com a equipe de psicanalistas e pesquisadores permite decantar os significantes mestres das falas dos adolescentes. “A atenção é colocada no significante, o fundamento das conversações clínicas” (DEWAMBRECHISE-LA SAGNA, 2020, p. 19). Para compreender o que se diz, é importante estar atento às contradições, às ressonâncias, às superposições significativas.

A metodologia de conversação ativa como pesquisa é orientada pelos significantes mestres extraídos da conversação com os professores e os adolescentes. No trabalho na instituição escolar, podemos tomar o discurso como uma fala coletiva, uma série de enunciados, estratégias e dispositivos que também podem ser tomados pelos sujeitos individualmente. É através de seu

próprio discurso, ou seja, através de suas ancoragens, seus desvios, suas insistências, em última instância, a partir da repetição significativa, que o sujeito se constitui.

A escuta analítica no trabalho de conversação pode abrir um canal para a enunciação. Na supervisão, nos atentamos a esse processo no intuito de apreender o que emerge do sujeito do inconsciente. Aquilo “que o inconsciente traz ao nosso exame, é a lei pela qual a enunciação nunca se reduzirá ao enunciado de nenhum discurso” (LACAN, 1966, p. 892).

Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016) destacam que, numa “análise do discurso” orientada pela psicanálise, deve-se estar atento às vertentes do enunciado e da enunciação. A vertente do enunciado “remete ao percurso do sujeito que se constitui como sujeito por meio de seu próprio discurso [...], ou seja, a partir da repetição significativa, em sua versão semântica e sintática” (p. 143). A vertente da enunciação evidencia os limites do enunciado, pois “O momento em que o sujeito cessa de poder testemunhar sobre aquilo que o torna cativo ou limitado, é precisamente ali que emerge, de maneira evanescente, o sujeito do inconsciente” (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016, p. 144). Dessa forma, na supervisão, através dos relatos e registros das conversações, tanto pontualmente, quanto num período estendido, buscamos localizar os seguintes pontos:

- Os significantes mestres da cultura atual: cada cultura se constitui a partir de certos significantes que ordenam e organizam os laços sociais. É em torno desses significantes mestres que a estrutura social se organiza. Nas conversações ficamos atentos a esses significantes que se repetem, como *cancelamento* e *zoeira*, e nos interrogamos sobre eles.
- Os impasses no laço social nomeados pelos sujeitos: os próprios sujeitos apontam e nomeiam suas dificuldades em relação ao laço social. Adições virtuais, isolamento, segregação e violência são exemplos.
- Os discursos institucionais e os seus efeitos sobre os sujeitos: a instituição escolar se apoia no discurso universitário no sentido de nomear os sujeitos. Frequentemente, quando chegamos nas escolas, os alunos já chegam nomeados como agitados, hiperativos, hipersexualizados, loucos, deprimidos etc. Se essas nomeações não aparecem explicitamente na fala da escola, ela aparece nas falas dos próprios sujeitos.
- As ficções coletivas: as ficções coletivas emergem nas conversações como sentidos compartilhados coletivamente, como, por exemplo, sobre o que é ser mulher, o que é ser homem, o que é feminismo, o que é um bom aluno, entre outros. Consideramos que as ficções coletivas tocam o inconsciente de cada sujeito, que, por sua vez, se organiza em termos do discurso.
- As rupturas e lacunas introduzidas no processo de enunciação: essas rupturas podem ocorrer na permutação dos discursos e, também, nas descontinuidades da cadeia significativa ao longo do discurso (lapsos, interjeições e/ou tropeços languageiros, erros, esquecimentos, mudanças de entonação). Essas rupturas aparecem nas conversações, mas também numa divergência entre a fala da escola e a fala dos adolescentes. Muitas vezes o que a escola aponta não aparece nas conversações e vice-versa.
- As alternâncias no discurso: as alternâncias no discurso que se produzem no âmbito da conversação acontecem pela emergência do real. A emergência do real desarticula a cadeia significativa em que o sujeito se faz representar, lançando-o a uma nova forma de laço social. A emergência do corte na conversação é que promove a alternância dos discursos, por exemplo, do discurso da histórica para o discurso do analista. Esse corte promove um certo despertar do inconsciente e, ainda que seja um pequeno despertar, acreditamos ser valioso.

Como salienta Rosa (2018), o método psicanalítico vai do fenômeno ao conceito e constrói uma metapsicologia não isolada, mas fruto da escuta psicanalítica, que não enfatiza ou prioriza a interpretação, a teoria por si só, mas integra teoria, prática e pesquisa. O psicanalista não aplica teorias, não é o especialista da interpretação, nem mesmo da fantasia, posto que não é só aí que o inconsciente se manifesta; o psicanalista deve estar a serviço da questão que se apresenta. A observação dos fenômenos está em interação com a teoria, produzindo o objeto da pesquisa, não dado *a priori*, mas produzido na e pela transferência.

Nesse esforço de produção de saber, estamos cientes da impossibilidade de qualquer categoria simbólica recobrir o real, e de que todo esforço de classificação não dá conta dos desafios da clínica. O saber é sempre não-todo. Não há uma solução universal para suportar a não relação sexual que exila os seres falantes uns dos outros (DEWAMBRECHISE-LA SAGNA, 2020).

Conclusões para um início ou um princípio de uma conclusão

A proposta de escuta dos adolescentes parte de um não saber: o saber sobre a adolescência está ao lado do adolescente. Para Mezan (1993), os ditos produzidos a partir da prática clínica devem ser tratados de uma forma que se preocupe menos em dar uma interpretação adequada e mais em traduzir em forma de conceito aquilo que se ouviu e o que se fez ouvir desta ou daquela forma:

O dito pelo paciente é considerado como o elo final de um processo, e a abordagem teórica consiste em determinar com algum grau de probabilidade, o tipo de processos que podem estar em jogo para produzir tal ou qual fenômeno (MEZAN, 1993, p. 58).

Esse argumento é de fundamental importância: se a proposta é a de investigar em que medida a internet e as redes sociais influenciam o encontro do adolescente com os impasses da sexualidade, é o dito que permitirá interrogar os saberes constituídos sobre o tema e, se for o caso, considerar se há algo de novo, conforme a abordagem sugerida. Assim, o que se pretende é, de forma indutiva, o deslocamento do singular da fala para buscar o universal a ser tomado como fenômeno. Todavia, em se tratando de uma pesquisa que pretende versar sobre a hipótese de um fenômeno contemporâneo, nos deparamos com um elemento desafiador que é tratar de um conteúdo que aborda um tempo que, antes de tudo, é o nosso.

Freud (1927) destaca a dificuldade de se discutir o presente, tempo que carrega consigo uma mobilidade e que somente transformado em passado poderia ser observado. Ainda assim, é este novo transformado em texto que será lido à luz de uma teoria que pode ser concebida como “a estrela polar para o navegante” (MEZAN, 1993, p. 58), se prestando como coordenada e não como um destino inefável a alcançar.

Essa operação pode se beneficiar do diálogo com outras áreas do saber que têm se debruçado sobre as características da sociedade em nossos dias. A sociologia, a antropologia e a filosofia têm demonstrado importantes contribuições para compreender diversos fenômenos decorrentes do uso maciço da internet. Destacamos aqui os estudos sobre adolescência do antropólogo David Le Breton, as contribuições de Gilles Lipovetsky e de Zygmunt Bauman sobre a sociedade e seus sujeitos contemporâneos, dentre outros autores.

Garcia-Roza (1994) entende como uma possibilidade de trabalho o encontro com outros saberes para promover o surgimento de questões, “encontro não no sentido de importar conceitos e princípios para a psicanálise” (p. 30), mas no sentido de uma intertextualidade possível e fecunda. Aqui se esboça uma possibilidade de trabalho com o estabelecimento de um diálogo entre os achados das conversações e os autores de outros campos que têm se debruçado sobre o hodierno. Essa empreitada teria como objetivo tecer uma rede de ideias que, a partir de linhas de pensamento diferentes, mas não excludentes, talvez até complementares, possa ser capaz de formar um tecido melhor estruturado de saber sobre o tema.

Para concluir, em defesa da conversação ativa como metodologia de pesquisa, mais uma vez recorremos ao pai da psicanálise, que, sobre o método psicanalítico, disse: “Dessa maneira, um só e mesmo procedimento servia simultaneamente aos propósitos de investigar o mal e livrar-se dele, e essa conjunção fora do comum foi posteriormente conservada pela psicanálise” (FREUD, 1924/1989, p. 242). Assim, resgatamos o aspecto da intervenção intrínseco ao método e, tendo em vista a demanda cada vez mais recorrente da instituição escolar, reiteramos os efeitos que tais espaços de circulação da palavra têm proporcionado.

Nas conversações há um estranhamento recorrente que pode ser exemplificado pela fala de

um adolescente: “*Você tá interessado mesmo em escutar o que eu tenho pra dizer?*”. Parece que há, para esses sujeitos, um espaço inédito de fala que, engolido pela contemporaneidade, pode se apresentar nas conversações. Esse mesmo jovem, a partir da percepção da importância da sua fala, ou – dizendo de outra forma – da importância de seu saber, continua: “*Então, liga esse gravador aí que eu quero é falar!!!!*”.

Apostar na conversação como dispositivo de pesquisa e de intervenção não seria pleitear um espaço para o inconsciente? Essa proposta também não seria uma razão mais do que justa para defender o uso das conversações como metodologia?

Está feito o convite: que, para esta discussão, cada um traga a sua contribuição, lembrando que cada um opinará segundo o que carrega consigo, ou seja, que cada um opina de acordo com a estrela polar da sua própria “teoria portátil” (MEZAN, 1998). Ter isso em mente é um exercício de respeito à singularidade mais do que necessário em nossos dias.

Referências

CRUZ, Elaine Patricia. Nove em cada dez crianças e adolescentes são usuárias de internet: dados fazem parte da pesquisa TIC Kids Online Brasil. **Agência Brasil**, 16 ago. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2022-08/nove-em-cada-dez-criancas-e-adolescentes-sao-usuarias-de-internet>. Acesso em: 3 abr. 2023.

DEWAMBRECHISE-LA SAGNA, Carole. Clínica de la conversación. In: MILLER, Jacques-Alain; BRIOLE, Guy (Org.) **La conversación clínica**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2020. p.15-20.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; PAULON, Clarice Pimentel; MILÁN-RAMOS, Guillermo. **Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora) e outros textos (1901-1905)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-172. (Obra original publicada em 1905).

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. Artigos sobre técnica (1911-1915 [1914]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XII. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 145 -159. (Obra original publicada em 1912).

FREUD, Sigmund. Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. 17. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 199-211. (Obra original publicada em 1918).

FREUD, Sigmund. Dois verbetes de enciclopédia. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. 18. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 285-312. (Obra original publicada em 1923).

FREUD, Sigmund. Uma breve descrição da psicanálise. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. 19. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 237-259. (Obra original publicada em 1924).

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obra original publicada em 1927).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Pesquisa de tipo teórico. **Revista Psicanálise e Universidade**, PUC-SP,

n. 1, p. 9-32, 1994.

LACADÉE, Philippe. A clínica da língua e do ato nos adolescentes. **Responsabilidades**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 253-268, set. 2011/fev. 2012. Disponível em: http://www8.tjmg.jus.br/pre-sidencia/programanovosrumos/pai_pj/revista/edicao02/7.pdf. Acesso em: 10 out. 2017.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. (Obra original publicada em 1964).

LACAN, Jacques. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 383-401. (Obra original publicada em 1966).

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967. In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 248-264. (Obra original publicada em 1967).

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17**: O Averso da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982. (Obra original publicada em 1969-1970).

LACAN, Jacques. Radiofonia. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 400-447. (Obra original publicada em 1970).

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20**: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Obra original publicada em 1972-1973).

LACAN, Jacques. Prefácio a O despertar da primavera. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 557-559. (Obra original publicada em 1974).

LE BRETON, David. Adolescência e Comunicação. In: LIMA, Nádía Laguárdia de; STENGEL, Márcia; NOBRE, Márcio Rimet; DIAS, Vanina Costa (Org.). **Juventude e Cultura Digital**: diálogos interdisciplinares. Belo Horizonte: Artesã, 2017. p. 151-167.

LIMA, Nádía Laguárdia de. **Conversação na Escola**: adolescentes e redes sociais. Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Projeto de Pesquisa e Extensão.

LIMA, Nádía Laguárdia de; BERNI, Juliana Tassara. A intolerância na atualidade: entre as redes sociais e a escola. In: PEREIRA, Marcelo Ricardo (Org.). **Os sintomas na educação hoje**: que fazemos com isso? Belo Horizonte: Scriptum, 2017. p. 197-205.

MACÊDO, Lucíola Freitas. Não existe sujeito sem instituição!. **Almanaque On-line**, Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, n. 8, 2011. Disponível em: almanaquepsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2015/09/Luciola.pdf. Acesso em: 17 out. 2022.

MEZAN, Renato. O que significa pesquisa em psicanálise? In: SILVA, Maria Emilio Lino da (Org.). **Investigação e Psicanálise**. Campinas: Prós, 1993.

MEZAN, Renato. As dobras do texto: aspectos da escrita psicanalítica. In: MEZAN, Renato. **Tempo de muda**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.101-111.

MILLER, Jacques-Alain. Em direção à adolescência. **3ª Jornada do Instituto da Criança**, 10 jun. 2015. Disponível em: <http://minascomlacan.com.br/publicacoes/em-direcao-a-adolescencia/>. Acesso em: 2 fev. 2019. Intervenção de encerramento.

Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR [Nic.br]. **Pesquisa sobre o uso da internet por**

crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2019. Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/publicacoes/>. Acesso em: 4 abr. 2023.

ORRADO, I. Las resonancias de la palabra In: MILLER, Jacques-Alain; GUY, Briole (Org.). **La conversación clínica**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2020. p.209-229.

PINTO, Jeferson Machado. Resistência do texto: o método psicanalítico entre a literalização e a contingência. **Revista Ágora**, v. IV, n. 1, p. 77-84, jan/jun 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/WcpNZPzXPXB3dpvYYGzh47j/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2021.

ROSA, Miriam Debieux. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapes, 2018.

VOLTOLINI, R. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

WAJCMAN, Gérard. **El ojo absoluto**. Buenos Aires: Manantial, 2011.

Recebido em 16 de Janeiro de 2023.

Aceito em 08 de fevereiro de 2023.